



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## IMAGENS DA MEMÓRIA: AFRICANIDADE E NEGRITUDE NA CIDADE DE CARAPICUÍBA-SP

Souza, Juliana de  
Universidade Federal do Ceará  
[juli.soul@hotmail.com](mailto:juli.soul@hotmail.com)

### Introdução

Dentre as inúmeras definições que temos para a cidade, Lima (1999, p.9) a interpreta como “um organismo em mutação, pois, a cada instante, há algo mais que a vista não alcança, mais do que o ouvido possa perceber, uma composição nova em um cenário novo que espera ser analisado”, as cidades nos oferecem múltiplas possibilidades de análises, tais análises precisam considerar que os espaços físicos e simbólicos das cidades articulam políticas, culturas, vivências, identidades que viabilizam o sentimento de pertença de seus moradores. Dessa forma, temos que a cidade de Carapicuíba se metamorfoseou para se compor de histórias e memórias da população negra que nela habita. Os processos migratórios que encaminharam famílias negras para essa localidade se referem a tempos específicos da história da cidade de São Paulo.

Dessa forma temos que:

As narrativas aqui reproduzidas nos permitem observar que o deslocamento é parte do processo individual e/ou familiar que se enfrenta na tentativa de modificar o presente. Chegar a Carapicuíba, lugar antes desconhecido pressupõe travessias, aventuras e desventuras que iniciam num tempo longínquo, ainda na infância da maioria de nossas entrevistadas. Contextos que ainda nos remetem à escravidão, e ao lugar da população negra na sociedade pós-abolição. (SOUZA, 2010, p. 66)

Nesse sentido Souza ainda nos coloca que:

Os processos de constituição do espaço urbano pós-abolição, contava com o desaparecimento da população negra desses espaços. A ausência de políticas públicas para a inserção da população negra na ‘modernização’ foi determinante para delimitar os espaços ocupados por essa população nas primeiras décadas do século XX e conseqüentemente os espaços que seus descendentes ocupam no século XXI. (2010, p. 58)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Assim podemos afirmar que o tempo histórico pós-abolição não se configurou como uma melhoria de vida para a população negra, e essa continuou ocupando os piores espaços geográficos e simbólicos no processo de formação da sociedade brasileira tais afirmações são fundamentais para o entendimento de como se deram a formação das periferias antigas das cidades e como estes espaços ainda hoje que a são habitados por uma de maioria afrodescendente.

Sendo assim as práticas sócio-educativas, culturais e históricas não se dissociam desse referencial, a africanidade, porém tal fator encontra impasses. Historicamente a africanidade é minimizada ou negada na formação e formatação das cidades e municípios brasileiros. Nesse sentido “Imagens da memória: africanidade e negritude na cidade de Carapicuíba-SP” somam-se a uma tentativa de desvendar os signos da afrodescendência nesse espaço geográfico, que se situa a 25 km da capital, na Região Metropolitana, zona oeste de São Paulo.

O trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado em educação finalizado no primeiro semestre de 2010 e consiste em analisar histórias reais ou imaginárias que no conjunto social deveriam explicar para a população afrodescendente a sua origem e fundamentar as explicações formadoras da identidade individual e coletiva dessa população, sendo assim, a pesquisa teve por objetivo sistematizar a memória na forma de uma escrita da narrativa local que nos conduzissem às histórias sobre África e africanidades. O recolhimento dessas narrativas deu-se por entrevistas em profundidade, de caráter qualitativo, apoiadas na história oral, o que possibilitou o contato com histórias e memórias da população negra de Carapicuíba. A escolha da localidade ocorre por esse ser o lugar de minha maior convivência e que me possibilitaria rever minha própria memória e história familiar. Uma pesquisa na maioria das vezes é fruto de experiências prévias do/a pesquisador/a, e associam métodos e teorias que escolhemos para fazer uma leitura da realidade, (Bourdieu, 1989).

### **Descrevendo o local de pesquisa**

Carapicuíba é uma cidade que tem sua história de fundação ainda no século XVI, a história é antiga e nos conduz a tempos de expansões territoriais, jesuítas e bandeirantismo. Conta-se que José de Anchieta foi o fundador do aldeamento de Carapicuíba, isto em 1580.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O território pertencia a grupos tradicionais indígenas, porém o sistema de dominação colonial que abrangeu o período entre o século XVI e XVII e teve como base a exploração desmedida baseados na produção agrícola, ênfase na produção destinada ao mercado externo e grande utilização da escravização de povos indígenas e africanos, é nesse cenário que emerge o “início” de Carapicuíba.

A palavra que nomeia a cidade é de origem indígena, segundo o professor Miguel Costa Junior (TENÓRIO, 2003) o significado varia em “peixe ruim” e “peixe insignificante”, o nome está relacionado às práticas de pesca realizadas pelas populações indígenas. O ribeirão de Carapicuíba havia uma grande quantidade de peixes que não eram bons para o consumo, embora o Ribeirão recebesse alguns bons peixes vindos com as águas do antigo Rio Anhembi a proliferação destes não era suficiente para atender a população do aldeamento, os que desejassem peixes maiores e mais saborosos deveriam deslocar-se até o Rio Tietê.

O território atual da cidade de Carapicuíba perfaz um espaço periférico com aproximadamente 392.701 habitantes de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), uma área de 35 Km<sup>2</sup> cortada pelos trilhos da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), à margem esquerda do Rio Tietê, entre as Rodovias Castelo Branco, Raposo Tavares e o Rodo Anel Mário Covas (Tenório, 2003). Carapicuíba está entre os municípios da Região Metropolitana com proporção de negros superior a 40% de população. (SEAD, 2005, p.6)

A cidade apresenta áreas de maior e menor desenvolvimento, os bairros que abrigam uma população empobrecida são a maioria na cidade e neles predominam moradias auto-construídas, um dos demarcadores que conferem a esse espaço territorial o status de periferia.

As moradias de Carapicuíba arquitetam o visual urbano periférico que a cidade constitui a partir de 1950. Hoje alguns bairros sustentam moradias por terminar, construídas com os tijolos de concreto e do tipo “baiano”, o que deixa o bairro com aspecto diferente, construções sem acabamento, parede à vista, resultando num conjunto de moradias com um colorido de tendências ocre, marrom, terra e cinza que colore os bairros com a cor- da- esperança de um dia terminar a casa própria. (SOUZA, 2010, p.57)

Esse local de pesquisa permitiu-nos coletar imagens que habitavam a memória de uma população que preencheu esse lugar com seus símbolos, signos e identidade,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

estes nos foram favoráveis no sentido de demonstrar a existência de uma história específica da população negra carapicuibana ultrapassando a uma visão persistente da inexistência de material para a escrita dessa história.

A grande valorização dada ao bandeirantismo nas histórias de fundação dos territórios antigos do Estado de São Paulo perfaz um sistema simbólico que valoriza uma população e sua descendência em detrimento de outras. Por isso julgamos necessária a reflexão sobre a realidade e a construção de ser negro nestes territórios, discurso quase ausente no sistema educacional local, este fato atesta a ausência de uma história da região que resgate as experiências e vivências desta população e que os reconheçam como construtores desse espaço e produtores de história, cultura e patrimônio local.

Entendemos que a população negra ocupou o espaço territorial carapicuibano e o ressignificou através de símbolos, festas, que nos trazem imagens de uma memória negra coletiva constituída na diáspora africana no correr da história.

### **Na África, existe uma árvore que é a *congadeira*...**

A memória opera como um tempo social “não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar” (Chauí, 1987, p. 30). Esse modo de lembrar, nos ajuda a tecer uma linha temporal ligada à vivência que é individual, mas também coletiva.

Quando acessamos a memória de parte da população negra por meio das narrativas que nos foram contadas, percebemos que além de nos descrever o tempo, ela se refere à identidade da população negra moradora de Carapicuíba, podemos então dizer que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (POLLAK, 1992, p.5)

O autor nos assinala ainda que a memória deve ser entendida como fenômeno coletivo e social, o que foi possível atestar em nossa experiência foi justamente esse caráter de completude advindos de memórias, fato que corroborou para o entendimento de como a africanidade se constituiu na cidade de Carapicuíba, ressignificando a identidade da população negra local, tal fato atua como um importante



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aspecto para a compreensão do passado que é extremamente significativo na percepção de si próprio e dos marcadores educacionais, trata-se em certo sentido da lacuna que a Lei nº 10.639/03 que determina o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira tenta preencher.

Os fragmentos das narrativas aqui apresentadas nos ajudam na compreensão de como o espaço territorial foi ocupado não só com as imagens, mas também por vivências da memória.

As manifestações festivas e religiosas de origem africana que aconteceram na cidade de Carapicuíba foram possíveis porque o corpo afrodescendente que se moveu para este território não apenas ocupou o espaço, no sentido de apenas ocupar qualquer lugar, mas imprimiu sua marca a ponto de reterritorializá-lo.

Pelo menos desde 1935, no que pudemos ver na pesquisa durante o mestrado, os Batuques de Umbigada, Congadas, Moçambique, Folia de Reis, Festa do Divino e Sambas ocuparam o território carapicuibano a partir da africanidade e esta modificou o espaço habitado. Foi se produzindo uma sociedade local de maioria afrodescendente, através de uma cultura afrodescendente.

Recolhemos falas eloqüentes sobre essa reterritorialização fundada na cultura de base africana, concordamos com Martins que as narrativas, a contextualização e o resgate das africanidades em Carapicuíba possibilitaram “[...] ressaltar os rizomas que reterritorializam e transcriam as culturas africanas na cartografia brasileira. A matriz africana é lida assim, como um dos significantes constitutivos da textualidade e de toda produção cultural brasileira, matriz dialógica e fundacional dos sujeitos que a encenam e que simultaneamente, são por ela também constituídos” (1997, p. 21).

Desse modo temos que:

As africanidades refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte de seu dia-a-dia. (SILVA, 1995)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A cartografia carapicuibana passa a se compor de referenciais das africanidades os festejos vindos de tempos longínquos narrados por Dona Tereza fazem com que ela relembre dos tempos de seus bisavôs e suas bisavós.

**O batuque meu pai dizia que, o pai, avô e bisavô dele já faziam, foi passando de pai para filho. Minha família tudo fazia batuque! Isso veio, como é que fala, de geração em geração, mas, infelizmente acabou com meu irmão. Mas lembro que minha bisavó que morava em Laranjal Paulista morava num sítio e ela sim fazia umbigada das boas, meus tios tanto por parte de pai como de mãe faziam batuque, inclusive meus tios contavam que meu tataravô veio da África e falavam que o batuque veio de lá é tradição de família. (Tereza, 76anos)**

Da fala acima, quero destacar primeiramente as seguintes expressões *O batuque meu pai dizia que, o pai, avô e bisavô dele já fazia*; esta lembrança caracteriza uma memória que faz parte de uma coletividade específica, as funções sociais dos festejos que para além do divertimento possibilita a celebração da ancestralidade, o rememorar daquilo que somos, do que nos traz felicidade e nos une ao passado em forma de celebração. As boas festas estão associadas ao jeito dos antigos conduzirem os modos como seria a celebração, nisso geralmente estava presente a preparação do quintal para a festa, rimas que traziam críticas sociais, sátiras e lembranças que estavam associadas a um determinado tempo e território. *Lembro que minha bisavó que morava em Laranjal Paulista morava num sítio e ela sim fazia umbigada das boas.*

As narrativas familiares que situam o pertencimento a um grupo são primordiais no processo de formação identitária, reconhecer-se como parte de um povo que tem suas raízes em um determinado território permite a reterritorialização de danças e festas. Quando Dona Tereza diz que: *meus tios contavam que meu tataravô veio da África e falavam que o batuque veio de lá é tradição de família*, a fala nos insere num processo epistêmico que nos possibilita entender a africanidade brasileira e a percepção que as tradições africanas vivenciadas na diáspora, são reinterpretadas, reterritorializadas e capazes de trazer a tona o que estava submerso, nossas origens.

As festas que aconteciam em Carapicuíba eram bem freqüentadas por festeiros do interior paulista, *pro batuque, vinha gente de Tietê, Laranjal Paulista, Capivari, Piracicaba quando o pessoal avisava o Chicão vai fazer festa.*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Nas cidades citadas já havia tradição em festejos de pretos que por muito tempo foram considerados uma agressão a ordem pública, sendo em algumas dessas localidades proibidas. Vir desses lugares para o Batuque de umbigada promovido por seu Chicão em Carapicuíba além de ser uma grande festividade significava uma resistência à perseguição sofrida nas cidades de origem.

Na narrativa de Dona Terezinha, ela nos conta das Congadas e nessa manifestação território de Carapicuíba também ocorrerá a o fato de virem pessoas de outras localidades para celebrarem coletivamente as africanidades.

**Na Santa Terezinha já fazia procissão Congada e tudo, mas depois que veio pra cá, ela fez esta igreja com intenção de Nossa Senhora de Aparecida, então o que é que vinha aí; vinha congada da Aparecida do Norte, vinha de Minas, vinha de São Bernardo, vinha de Cotia, vinha de tudo quanto é lugar, São Miguel, vinha de lá de Pirapora, Mogi das Cruzes [...]. (Terezinha, 60 anos)**

De lugares longínquos, vinham pretos e pretas a fim de celebrarem tradições numa tentativa de não perder a memória do que se foi, dos laços de amizade e de parentesco. Mover-se para manter a tradição viva, esse é um marco na história da população negra. Muda-se de cidade, move-se para juntar-se em festas, move-se na luta aflita de cada dia no intuito de demarcar o território que já lhes pertence como construção social. As festas demarcam este mesmo território como lugar da ancestralidade e do imaginário; com danças, cantos, ritos, risos e atos de alegria festiva. Construções culturais que não podem ser individuais e nem são atos isolados, isto não se faz só, mas em coletividade.

Todo esforço narrado para ter por perto nos momentos de alegria aqueles que comungavam do mesmo sentimento, que certamente compreenderiam o valor de se festejar com Batuques, Congadas, Moçambiques, Folias de Reis, Festa do Divino, pois, trata-se de manifestações que fazem parte do repertório sócio-cultural da população negra e que tinha por uma das finalidades manterem viva a identidade coletiva de um povo.

**[...] quando o pessoal avisava, o Chicão vai fazer festa, eu não sei o que ele fazia direito se ele dava a passagem, mas quem não vinha de ônibus vinha de trem e contam que já vinham cantando dentro do trem e descia tudo aqui, e falavam que quando tinha festa na casa do Chicão o trem**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**esvaziava em Carapicuíba, [meu pai] fazia de tudo para a turma vir, os últimos convidados saíam às 8 da manhã. (Tereza, 76 anos)**

Quando falamos de Congadas, Moçambiques, Sambas ou Batuque de Umbigada estamos tratando de manifestações sócio-culturais que tem sua gênese no continente africano e se resignificam na diáspora. A população africana trazida para as Américas pisou o chão dessas terras trazendo uma herança cultural, fenômeno este repleto de humanidade, memórias e histórias que o tempo não conseguiu apagar. Embora o apagamento dessa memória fosse o desejo e estratégia de uma política que podemos denominar de sistema de desafricanização nacional no período pós-abolição, registramos neste trabalho a manutenção desse legado cultural. Os esforços brutais de um sistema de dominação racista e eurocêntrico para a invalidação da humanidade e dos referenciais africanos foram contrapostos por uma grande resistência para a manutenção da cultura dos modos e formas de vivenciá-la. Para Di Méo (2001) as festas são capazes de produzir símbolos territoriais, por isso é possível reterritorializar, firmar as identidades, demarcar o território e o tempo através das manifestações festivas.

A Congada, por exemplo, configura-se numa dança teatralizada com características africanas difundidas em várias regiões do Brasil. As histórias de origem da Congada são variadas, durante a pesquisa Dona Divina narrou uma dessas versões, que podemos considerá-la original, pois geralmente as histórias de origem da congada fazem referência ao reino do Congo.

**Na África, existe uma árvore que é Congadeira, e os negros como eram muito judiados, eles resolveram fazer oração nessa árvore e o pouco de comida que eles tinham pra comer, que era pouco porque os outros pensavam que negro não precisa comer ,né! Eles levavam um pouquinho de comida e punham no pé da árvore, uma oferenda pra árvore. Depois esses africanos vieram para o Brasil e a Congada se formou na Bahia, e eles resolveram a cantar por isso que se chama congada, por causa da árvore da África a Congadeira. Eles, então, fazem músicas não só da congadeira, mas aí adquiriram bastante tipo de música. (Divina, 81 anos)**

Dona Terezinha, outra depoente que participou dos movimentos de Congada em Carapicuíba quando lhe perguntei se ela saberia narrar a história da Congada; responde dizendo que *“a história dos reinados do Congo quem sabia morreu estes dias, o seu Dante, sei que tinha espada no meio,[...] cantoria, mas uma coisa eu sei, veio da África”*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As narrativas acima nos encaminham a concordar com (Di Méo apud Bezerra, 2008, p.9) que um dos significados das festas está no poder de mobilizar ou forçar as identidades em nível sócio geográfico, já que seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social.

Uma particularidade que encontramos na pesquisa foi o fato do Senhor Francisco Pires (Chicão) pai de Dona Tereza, ter sido presidente do Clube Campos Elíseos<sup>1</sup>- São Paulo, imagens que nos foram cedidas comprovam o fato, porém, pouca referência há sobre seu funcionamento e atividades. O Clube Campos Elísios marca sua fundação no ano de 1915 no bairro da Barra Funda e passa a promover festas e bailes freqüentados pela população negra. Muitos dos clubes sociais negros brasileiros marcam suas fundações entre os séculos XIX e XX, surgiam como fontes de resistências, pois além de proporcionarem entretenimento tinham função pedagógica, as atividades culturais associavam-se a atos de conscientização da negritude ao seu posicionamento ante as questões sociais.

Carapicuíba também sediará Clubes Sociais Negros, como exemplo temos “O Vencedora”, clube que se inicia como uma associação esportiva e transforma-se em um salão de baile freqüentado majoritariamente por negros e negras da cidade, lá podiam dançar e regozijarem-se com uma musicalidade negra. Os bailes e atividades promovidas pelos Cubes Sociais Negros de São Paulo fazem parte da memória e vivência das narrativas coletadas entre as depoentes.

**O Vencedora o pessoal jogava bola, depois fizeram o salão de baile, o primeiro presidente foi o seu Rene, ele era branco, mas desses brancos negreiros, porque o salão era de preto, mas ele era branco, o baile durou mais ou menos 20 anos, teve outros presidentes pretos Seu Daguia, seu Lindolfo, era lá que os pretos iam dançar, até entrava branco, mas quem dominava eram os pretos. Acho que teve baile no Vencedora se não me engano até sessenta. Como eu disse antes, tinha seu Mário Pestana que também fazia festas, ele tinha um salão de baile, mas como posso dizer, era mais pra branco aí surgiu a Vencedora. O baile Pestana ficava aqui na esquina, onde é a escola hoje, lá não entrava muito preto, o negócio de encontro dos pretos mesmo era no Vencedora. Lá a gente fazia festa de aniversário, encontro. Quando eu fiz 15 anos mesmo, minha festa foi lá. (Tereza, 76 anos)**

---

<sup>1</sup> Clube fundado em 1915, que por duas décadas segundo depoimento oral Francisco Pires, foi presidente. O Clube Campos Elíseos foi um local de grande importância na vida social dos negros paulistanos na primeira metade do século XX.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[...] eu freqüentava os bailes Toca da Angélica, Som de Cristal, Paulistano da Glória, Lilás, que era bem na Praça da Sé, por aqui eu não freqüentava não, só o Vencedora na adolescência quando eu tinha meus doze treze anos, só que tem uma coisa eu fui pensando bem as meninas foram crescendo era hora de parar, só que tem uma coisa sempre trabalhando, sempre trabalhando. (Cida, 64 anos)

Um domingo antes do carnaval na praia do Gonzaga tinha um episódio chamado o banho da Dorotéia. O que é que era isso. Uma mulher que se vestia de papel crepom e entrava no mar e voltava nua, esse era o banho da Dorotéia. A negrada daqui ia toda pra baixada só pra ver o tal banho. O que eu quero dizer, o pessoal que chegou aqui lá por 1940 quarenta e poucos criaram seus filhos, netos e isto gerou uma coletividade, então ali no morro perto da igreja, na padaria do Tião era o point da galera, a gente ia pros bailes as vezes chegava no domingo de manhã e já ficava por ali. Quando estava perto do carnaval, tinha os ensaios na Quadra ou a gente ia tudo junto pra Zona Norte na Vai-Vai, Rosas de Ouro, Camisa Verde na região da Barra Funda, Bexiga estes lugares era territórios negros. Nossa, o que ditava a moda era o que rolava no Chic Show. As roupas, era da Piter, essa era A loja, negão que era negão plugado tinha roupa da Piter e a gente mandava fazer sapato nuns sapateiros da Rua Maria Antônia. E quando a gente estava no baile e ouvia dizer vai ter Banho da Dorotéia, nossa a negrada toda já sabia: - vamos pra Santos. O banho da Dorotéia esse era o motivo de descer pra Santos. Agora me fala, quem já viu essa Dorotéia saindo da água nua? Ninguém, nunca ninguém viu. Aí eu me pergunto tem um fundo religioso pela entrada da quaresma? Não sei, só sei que aquilo era um ajuntamento, pois vinha cara lá de Tietê pro Banho da Dorotéia, mas a gente também ia pra lá pras festas de São Benedito, Treze de Maio, esses grupos se entrelaçavam. E hoje, tá na nossa mão segurar a onda, se não some. A cena Black parecia circular apenas na capital, mas a Grande São Paulo a periferia também fazia a coisa andar, a gente também alimentava este circuito de bailes, equipes. Hoje a onda é ressignificar as coisas. Como levar tudo isso pra dentro da escola sem que a galera comece a dizer que é macumba e o cacete. É esse o babado. (Marcos Agostinho<sup>2</sup>)

Quando Marcos nos diz que: [...] *só sei que aquilo era um ajuntamento, pois vinha cara lá de Tietê pro Banho da Dorotéia, mas a gente também ia pra lá pras festas de São Benedito, Treze de Maio, esses grupos se entrelaçavam.* Faz-nos rememorar dos ajuntamentos para festejos ocorridos no passado quando do interior paulista vinham grupos para a Umbigada em Carapicuíba promovida por Chicão, informação que talvez o próprio depoente desconheça.

---

<sup>2</sup> A narrativa contada por Marcos Agostinho filho de Dona Neide, embora ele não seja um de nossos entrevistados, em uma conversa informal, narrou com riqueza aspectos culturais da vida da população negra que consideramos importante para esta pesquisa, por isso a conversa foi incorporada ao trabalho.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Estes deslocamentos nos demonstram a necessidade da aproximação daquilo que de alguma forma nos coloca em contato com nossa identidade, Waldman (1998) considera que tal deslocamento social se desenvolve em espaços diferenciados, e através destes o indivíduo alcança identidade e plena cidadania, absorvendo os valores ancestrais que, emprestando dinamismo à ela, a mantém viva.

As festas como Samba de Umbigada, as Congadas, Moçambiques, Sambas e bailes ocuparam o território carapicuibano a partir da afrodescendência e essa, compreendemos como o

[...] reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Esta etnia tem como base comum dos membros do grupo as diversas etnias e nações de origem africana e o desenvolvimento histórico destas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalismo racista. Esta etnia não é única, é diversa, não se preocupa com grau de mescla interétnica no Brasil, mas sim com a história [...] (CUNHA JR, 2001, p.11)

A reterritorialização do espaço habitado com festas e festejos que trouxeram à tona a origem africana de parte da população carapicuibana, contribuiu significativamente para a identidade negra em Carapicuíba, mesmo que esta esteja apagada da historiografia local, mas jamais se apagou da memória daqueles e daquelas que a vivenciaram, tanto que as memórias deram vida a esta pesquisa. Se a questão identitária dessa população fosse algo irrelevante na vida e trajetória dos/as que contribuíram narrando um tempo vivido, tal fato não habitaria mais a memória, mas pelo contrário, bastou perguntar que, palavras, memórias, histórias, mitos brotaram como se água em nascente; cristalina, saciando a ausência de uma história silenciada.

As narrativas coletadas deram conta de preencher parte da lacuna existente da minha história, a partir do momento em que passo a compreender que o fato de desvelar a cultura tradicional de base africana no território carapicuibano contribui na construção simbólica que dá sentido às definições de quem somos, nossa identidade coletiva e individual, reelaborando o imaginário que se tinha com referenciais que não estão fora, mas dentro da localidade. A beleza e concisão que envolveu as narrativas possibilitaram-nos identificar as prefigurações tradicionais africanas de Espaço e de Tempo, redefiniu o simbólico apresentando-nos a uma “geografia sensível” na qual



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

repousa o relato, sendo seu conhecimento vital para uma exata compreensão dos episódios. (WALDMAN, 1997).

Os saberes e fazeres ancestrais africanos reterritorializaram o espaço carapicuibano e permearam a cidade com os referenciais da afrodescendência. A reinvenção do espaço habitado para nele ser possível reviver a memória corporal através de danças e a memória histórica por meio das narrativas, é vislumbrar que o corpo e a memória coletiva tomaram conta de um espaço que contém em si a metáfora da chegada.

Chegada de uma longa caminhada para se estabelecer num território que significa saída de um sistema político econômico e social que relegou a população afrodescendente as duras condições do escravismo.

### **Algumas Considerações**

O tempo de memória e vivência que relatamos nesse trabalho busca re-significar nossa existência, e nesse sentido, abandonar os referenciais que nos desqualificam enquanto seres humanos e invalida nossas narrativas, importante fonte para o fortalecimento de nossas identidades. A re-apropriação de territórios ainda que simbólica, atua no sentido de estabelecer, ou melhor, re-estabelecer a relação entre narrativas e identidade.

Foi possível a percepção de que africanidade ocupou o território brasileiro de forma vibrante e se faz presente na memória dos/as depoentes. O modo como a cultura de base africana ressignificou a cultura local nos aponta elementos suficientes para compreender os usos e sentidos da afrodescendência que passa atuar como “categoria histórica que redimensiona a esperança e as formas de intervenções e invenções sociais” (MAFRA, 2008, p.11).

A memória foi o mote que nos encaminhou a uma possível leitura e análise histórica do território carapicuibano por meio das africanidades. Festas e ajuntamentos foram e são movimentos protagonizados por afrodescendentes na busca de revalorização das culturas africanas e afro-diaspóricas e caracterizam-se como lugar de partilha, coletividade e afirmação identitária.

### **Referências Bibliográficas:**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.**

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>> BRASIL - Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Acesso em: 16 de Jun. de 2008.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Festas e Cidade:** entrelaçamentos e proximidades. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, n. 23, p. 7-18, Jan./Jun 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 2 ed. 1989

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Antropologia do poder:** uma resenha de etnografias americanas recentes. BIB n. 27, 1º semestre, 1989.

CHAUÍ, M. (1987). Os trabalhos da memória. Em E. Bosi. Memória e sociedade: lembranças de velhos. (pp. XVII-XXXII). São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp.

CUNHA JR, H. **Africanidade, Afrodescendência e Educação.** Educação em Debate. Fortaleza, Ano 23, v.2, n. 42, 2001.

DI MÉO, Guy. La géographie em fêtes. Geophrys. Gap. 2001.

LIMA, Rógério. **Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade.** In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. (orgs). **O imaginário da cidade.** Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória.** O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1992. Disponível em:

<http://www.unifra.br/professores/rangel/mem%C3%B3ria%20e%20identidade.pdf>.

Acesso em 21/mai./2011.

SILVA, P. B.G. e. **Africanidades:** como valorizar as raízes afro nas propostas pedagógicas. Revista do Professor. Porto Alegre, v. 11, nº 44, p. 29-30, out./dez. 1995.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade.** A forma social do negro-brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Juliana de. **Histórias e Memórias da População Negra de Carapicuíba- SP:** uma abordagem para a educação escolar. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal do Ceará, 2010.

WALDMAN. Maurício. **Africanidade, espaço e tradição a topologia do imaginário espacial tradicional africano da fala “griot” sobre Sundjata Keita do Mali.** África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP. São Paulo, vol. 20-21: 219-268, 1997-1998. Disponível em:< <http://www.casadasafricas.org>> Acesso em: 13 de Ago. 2008.

TENÓRIO, Pedro Aparecido. **Carapicuíba:** passado e presente 1580-2003. Secretaria Municipal da Educação, Carapicuíba, 2003



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina